

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

**FORUM DA CULTURA
QUARTA A DOMINGO
MAIO - JUNHO - 20:30h**



girança

José Luiz Ribeiro

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO
DIVULGAÇÃO
2000**

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO

34 Anos de Teatro
apresenta



girança

José Luiz Ribeiro

Quando o tempo move a maçaneta

José Luiz Ribeiro

“Girança” é uma explosão que estilhaça o tempo e acende cenas de memória, criando, através de pequenos flashes, um painel que narra a história simples dos migrantes que ajudaram construir a cidade mineira que vai nascer no século XX. É um resgate de acontecimentos que se tornam longínquos e pairam, de maneira tênue, na névoa do tempo e que, quando acordados, puxam uma ciranda de lembranças que nos levam numa viagem memorial.

O nome “girança” apareceu, pela primeira vez, no velho balcão verde do Diário Mercantil, onde o poeta Ivan Daibert nos levava sua contribuição semanal para o “Suplemento Literário” que integrava o Caderno de Domingo. Tempos depois, o poema apareceu no livro “Porta do Tempo” e que, junto com Pedro Nava, em seu “Baú de Ossos”, Murilo Mendes, em “A idade do Serrote” e outras obras, que acordam movimentos vividos, despertaram uma peça criada para um elenco jovem.

Inicialmente escrita em versos, com pequenas cenas dialogadas, “Girança” chegou ao papel num sopro de desespero, em 1983, quando tínhamos que fazer um espetáculo com o Grupo Magister de Teatro e não encontrávamos textos que servissem ao elenco. Mas, ao tomar conhecimento de que o texto começava com a delimitação da geografia mineira, alguns dos meus jovens amigos se assustaram em fazer uma peça que tratasse de história e geografia. E, assim, “Girança” girou rumo à gaveta, não sem antes passar pelas mãos de alguns membros do

Divulgação que a elegeram como uma obra com amplas possibilidades de montagem.

Acho a gaveta um ótimo celeiro para fazer germinar idéias. Assim, durante dois anos, o texto era relido e alterado esporadicamente, porém nunca terminado. Formou-se, então, dentro do grupo, uma liga de colaboradores. E, vez por outra, a idéia voltava à baila. Confesso que era pouco corajoso para colocar no palco textos de minha criação. Enquanto "Girança" descansava nasceu "I love you, JUJU", um roteiro poético que narra a história de Juiz de Fora, de maneira leve e, às vezes, sarcástica. Hoje, o Núcleo da Terceira Idade ensaia este texto e deverá fazer, em breve, uma nova apresentação.

Depois, mergulhamos em adaptações e estudamos, longamente, a linguagem do cinema e da TV, suas influências na dramaturgia e o trabalho de roteirização. Tem sido o tempo de um aprendizado lento que, aos poucos, temos incorporado ao trabalho do palco. Depois de "Fausto", buscamos uns autores brasileiros e nos derramamos em cima de Nelson Rodrigues, Jorge Andrade, Lauro César Muniz, Dias Gomes e outros. As peculiaridades de um elenco, quase fixo, às vezes geram formas de cerceamento, em especial quando o grupo feminino é numericamente superior e a história da dramaturgia reserva ao elenco masculino uma gama muito grande de papéis.

Assim, "Girança" estava com seus dias contados para acontecer. A pressão do elenco, cada vez mais forte, foi chegando a um clima insuportável. E "Girança" deu seus primeiros passos rumo ao palco; cena por cena os personagens foram despontando e um imenso quebra-cabeça foi sendo armado. Palavra puxa palavra e uma idéia puxa a outra. Bate-papos, discussões e longas conversas foram alimentando a seiva dos personagens que, fragmentados, estabeleceram as mais diversas relações.

Durante este tempo, foi dado um curso sobre o Método

Stanislavski e os atores puderam aplicar, no seu trabalho, os ensinamentos do mestre russo. Assim, "Girança" é uma peça de nuances rápidas e fugazes como o entardecer e o despertar do dia.

São meninos e meninas que vêem o mundo em "contre-plongée", de baixo para cima. É um resgate de tempos vividos na roça, em Ibitiguaia, Creosotagem, Cotegipe e outros nomes que adormeceram a memória do juizforano. É um resgate dos primeiros tempos de bairros, com casas distribuídas esparsamente por entre matagais, brejos onde se pegava rãs, e árvores com frutos que viviam no meio do mato. É uma obra sobre campinhos que a molecada construía e que viravam um estádio imenso na sua fantasia. É uma peça sobre o Paraibuna e seus mortos, levados a cada verão, e sobre o lamento de suas mães.

É um texto que se escreve rumo ao futuro. É um inventário da construção de uma rua, de um bairro, de experiências ricas que mostram a trajetória de pessoas comuns, suas pequenas angústias e conflitos. A relação com a natureza, o primeiro contato com a realidade mágica que envolve o mundo infantil, o aprendizado assistemático que fundamenta nossa cultura são os pontos de partida. O fundo social que caminha dos anos 30 aos anos 40 mostra a mudança de uma família e seu relacionamento dentro de uma estrutura rural e, depois, na urbana.

A religião aparece com uma força fatalista que separa os homens em eleitos e infiéis e é, através dela, que surge o conflito que gera a transgressão. O encontro com a morte e a relação que se estabelece entre os participantes deste encontro percorrem desde o desaparecimento do parente de uma amiga até a perda de um amigo. Essa teia suave vai tecendo a vida e mostrando, a cada dia, a riqueza da experiência de viver.

Os vários segmentos de vida vão sendo mostrados e, aos

poucos, vamos tomando contato com um enredo tênue que revela pequenas inquietações, grandes desesperos, tudo acontecendo de maneira rápida, como num filme. "Girança" foi o encontro de um elenco com raízes e esperamos que o seja, também, para o público. É uma experiência singela como os primeiros passos de uma cidade que é construída de modo anônimo. É uma peça que revela estes seres cujos nomes não são registrados, porque são comuns.

A peça acorda imagens adormecidas e insere-se no contexto da literatura oral, onde um caso puxa o outro. É uma peça mineira, mas, como fala de seres vivos, é brasileira e fala da vida comum, da religião, da descoberta dos sexos, dos jogos de guerra travados nas brincadeiras infantis. Alguns poderão se lembrar de velhas canções, entoadas em roda, contando trágicos acontecimentos, como a cantiga "Iracema" ou os velhos cantos de coroação, quando o frio de maio era aquecido pelas velas dos altares e pelo amor a Deus. A velha catequista está homenageada. Os temores de um Deus vingador estão libertados. Esta é uma peça sobre o nascimento de uma cidade, seus cidadãos e sua vida.

Remontar um texto é sempre um trabalho de resgate. Devido ao grande sucesso da primeira montagem, quando o texto foi premiado e as apresentações foram feitas ao longo de um ano, participando de festivais e representando Minas Gerais num festival nacional, "Girança" figurava mitologicamente na história do Divulgação. Nas comemorações do sesquicentenário de Juiz de Fora, o texto parecia ser perfeito para homenagear aqueles que, com sua simplicidade, construíram a história da cidade. Aos migrantes que vieram do campo, de pequenas cidades vizinhas ou de outras paragens fica a nossa homenagem. O público nos tem abençoado e, por isso, continuamos fieis à nossa aldeia.

O mergulho que desperta a vida

Leila Maria Fonseca Barbosa

Na sociedade moderna, em que os mitos são tenazmente abolidos ou velozmente substituídos e em que os ritos - intermediários entre mito e homem - não mais determinam os atos essenciais da vida, o teatro - forma ritual mítica - atua impulsionando pela mola da necessidade de intervir neste mundo fragmentado, caótico, de valores indefinidos. Reflete a vida e reflete sobre a vida. E, como arte, "única linguagem revolucionária que hoje nos resta" (Marcuse), projeta a realidade, tentando fundir os cacos espalhados ao longo da vida humana. E ainda mais, quando procura no passado as respostas para as questões presentes, quando criticamente rememoram-se fatos para assumi-los ou exorcizá-los, rompe o círculo asfixiante dos bloqueios institucionais que se enroscam sobre si mesmos e não conseguem dar conta dos problemas sociais.

O homem de hoje, tanto ou mais que o de antigamente, vive à procura de saída para o revigoração periódico de seu mundo exaurido. Neste século em que "a irracionalidade se mistura ao morticínio calculado e científico de populações inteiras" (Adorno), neste século em que a angústia existencial atinge o limite de suas possibilidades devido à tensão causada por ameaças das mais diversas origens, o homem se encontra perdido e perplexo. A massificação o abala e o enfraquece, e seu poder reflexivo,

afasta-o de sua capacidade crítica, desvia-o de sua verdadeira vocação que é, ao contrário de todas as aparências, a de ser homem. Restam-lhe poucas opções. Procurar no valor originário dos gestos e palavras inocentes o caminho que lhe acene com um raio de esperança é uma delas.

A idéia de que a energia vivificadora se encontra nas origens é muito antiga e muito difundida. Daí a necessidade de uma cosmogonia, de um resgate da força primitiva, da herança mágica que contribui para a destruição de um mundo, a fim de se criar um outro. Ora, por serem os artistas representantes das verdadeiras forças criadoras de uma civilização, por serem eles que, por meio de suas obras, lutam por modificá-la, chegando mesmo a antecipar os acontecimentos, esse fenômeno cultural de destruição para a reconstrução é de suma importância.

O retorno existencial à origem através da memória constitui-se no retrocesso progressivo e articula-se pela lembrança metódica e exaustiva dos eventos pessoais e históricos. Seu objetivo último é queimar ou abolir situações pretéritas, recorrendo-se a experiências presentes, a fim de dominar o passado e impedir que ele intervenha negativamente. Conhecimento adquirido por meio da memória confere ao conhecedor um domínio mágico sobre as coisas. É através da retrospectiva poética que se perfaz o caminho retroativo em direção à recuperação do Caos Primordial, para se beber, na Fonte da Juventude, água pura da vida. É por esse ritual mágico que o teatro liberaliza, esmiuçando as sombras do passado, desnudando a linguagem, rompendo o discurso.

A construção da lembrança implica, pois, na desconstrução do tempo e apaga os limites entre real e ficção, entre fim e começo, entre sagrado e profano.

O memorialismo, uma das marcas da literatura de Juiz de Fora, chega, então, ao palco, trazendo em seu rastro o acridoce sabor mineiro da infância. Movido pela força centrípeta ontológica que atrai o homem a escavar seu solo para desenterrar as raízes, o mineiro de Juiz de Fora conduz o presente ao passado, tentando entender sua descaracterização, seus impulsos primitivos, seus estigmas indelévels. Nesse movimento de retorno, envolvido pelas montanhas protetoras, sente ameno perfume dos roçados, experimenta a alegria dos jogos infantis, vivencia a ambigüidade institucional da escola e depara-se com um dos dados fundamentais de sua formação: a religiosidade entranhada visceralmente em seu caráter. A fé católica mineira tem um traço especial, pois concilia realismo e misticismo, sagrado e profano. De cunho essencialmente conservador, a religião católica de Minas preserva a marca opressora do pecado, do interdito. E cunha indelevelmente a alma do mineiro, preenchendo-a com fantasmas da culpa. Por outro lado, à medida em que, dialeticamente, o peso torna-se esmagador, o mineiro e, em especial o de Juiz de Fora, procura ceticamente degradá-lo para restabelecer seu equilíbrio. Os ritos de dessacralização são, portanto, necessários e o memorialismo é um dos meios mais eficazes para sua consecução.

Assim, a "girança" da chave que "escancara o passado" permite a volta às origens à cata das raízes que sustentam a árvore da vida, abalada pelos vendavais radioativos. É o sinal de que ainda resta uma esperança. Esperança de realização, de equilíbrio entre as pulsões primitivas e a organização cultural, sem que o prato da balança penda para um ou outro lado, sem que a irracionalidade irrompa como potência arrasadora, sem que a civilização oprima como força massacrante.

Carta de Tetê

Tetê foi a primeira Euzébia. Faz parte dos nomes e rostos que ficaram em nossa memória. Sua carta expressa a emoção dos antigos atores que fizeram parte da primeira montagem e ainda nos emocionam com suas palavras. Dividimos, aqui, esta emoção.

Perdões, 9 de maio de 2000.

Sim, e porque sim. Afinal giramos em torno de várias vidas, algumas emprestadas, outras simplesmente vividas.

Aprendi tudo isso aí, procurando arrancar ausências, acordar sinais, retratos e nomes.

Minha infância também teve gosto de tabuleiro sortido, caminhadas descalças, brincadeiras, roubos (psiu...!) de frutas em quintal do vizinho e, realmente, jaboticaba da beira do rio é mais doce. Jaboticaba retinta...

Perdi um grande amigo durante a temporada de Girança. Meu pai, que era feito de terra, generoso e abundante. Ele, você Zelu e o (...) continuam um gigante preso na minha memória.

Zelu, a Euzébia é ainda o meu canto, eu sempre quis ter um menino e hoje o Vinícius está aqui enchendo os meus dias e já vivendo sua Girança. Deus sabe o que faz.

É assim. A vida é uma sucessão de idas e vindas, chegadas e partidas. Basta apenas uma Girança. A janela, se um pouco alevantada, se destranca e escancara o passado.

Obrigada pela tão amada obra, que um dia você chamou de dramaturgia de emergência e a dedicou aos componentes da turma da grade, da qual me orgulho de ter ajudado a construir.

Vou aí chorar tá? Aiii, com carinho da filha desgarrada

Merda procês,

Tetê.

girando tonto no giro da girança

Maria Lúcia Rocha Ribeiro

O teatro é sempre um exercício de escavação e mistério. Para isto ele não precisa, necessariamente, de oráculos, deuses, nem de heróis. Precisa apenas de se empenhar em desenrolar o barbante sem fim da alma humana, cuja ponta emerge, inconseqüente, na aparente simplicidade do cotidiano. Não resta dúvida de que é um exercício sempre doloroso e arriscado este ato de humildade e despojamento que exhibe as vísceras na vitrine de um palco, para que o fogo das consciências heterogêneas que compõem o público possa queimá-las e, em sua fumaça ou em seus despojos, encontrar uma palavra, uma imagem, uma emoção capaz de fazê-las mais comprometidas com o mundo.

Vivemos, por outro lado, um tempo grávido de palavras, idéias, paixões, por mais de vinte anos reprimidas e cujo parto doloroso ainda se perde em contrações de músculos retesados, por costume, e no desgaste de energias em gritos e gestos que repetem o todo contestado. É um tempo, como já disse o poeta, de homens partidos - mais até que de homens de partidos. E, para que se possa dar luz à esperança, para que se possa recolher os fragmentos de força dispersos e deixar que o novo tempo se instale com seu vigor real, é preciso reaprender o difícil exercício da paciência. É preciso escavar a memória anterior à clausura, para que ela reconstrua a identidade cultural sempre em metamorfose e ilumine os passos futuros. Hoje sabemos que a origem é uma figura fugaz e que só o local pode resistir ao global.

O mesmo acontece com nossa dramaturgia. Filha de amputações seculares, ela já tentou percorrer os caminhos alegres e irreverentes da revista; ensaiou uma integração universal, buscando no homem brasileiro os traços de sua identidade cosmopolita; desbravou, tropeçadamente, os caminhos áridos que ferem os pés do camponês

anônimo; perdeu-se no redemoinho de uma urbanização turbulenta e atropelada... Mas tudo lhe foi confiscado pelos donos da verdade, pelos "zelosos" guardiães do "Saber" policiado.

Por isso, "Girança" é um exercício de recomposição. Tenta buscar no passado, não os grandes gestos registrados (ou camuflados?) na construção de um discurso dramático nacional; a peça não se propõe a nenhum passo decisivo. Busca, apenas, responder às necessidades fundamentais dos discursos que compõem o perfil do povo brasileiro. Assim, promove uma escavação conjugada de, pelo menos, três gerações: a de 30/40, que fornece o subsídio da tradição, a de 50/60 que a recebeu e transformou em plena vigência do discurso autoritário da Comunicação de Massa, e a do final do século, embaralhada nas redes da globalização.

Se, ao aprender a escrita, o homem perdeu parte de sua capacidade de memorização, por força da ausência de necessidade de fixar na consciência suas relações e idéias, a força dos veículos de massa e o poder dos bancos de dados para criarem documentos fracionários relegaram, definitivamente, a tradição ao anonimato e ao esquecimento, nivelando as sociedades. Os pequenos mistérios da infância e da adolescência se transformaram em temas didáticos explícitos "solucionados" pela informação orientada que, entretanto, se esquece da importância que tem a vivência emocional e simbólica dos segredos. De criador de símbolos, na era da massa, o homem se transformou em mero consumidor dos símbolos já engendrados cientificamente. Mas nem por isso perdeu sua angústia simbólica.

É neste vácuo que a peça pretende atuar, recuperando a esquecida fonte de ingenuidade e deixando aflorar em as forças arquetípais que o bombardeamento de informações anestesiou, mas que nunca conseguirá destruir, a menos que desumanize o homem. É exatamente por tratar dos medos, das emoções e dos prazeres ingênuos, ela se volta para o mundo simples e rico da infância, pelo menos em dois níveis: o da infância da vida e o do mundo urbano. Sorve, ali, onde as águas do rio da memória ainda não se poluíram com a química da

mecanização acelerada, seus exemplos, seus espaços de sonho e de aprendizado da realidade. E o faz por migalhas, por fragmentos mínimos e rotineiros, mas que escondem em seu núcleo o esboço das grandes transformações.

Não é, portanto, uma peça de soluções para problemas sociais de grande vulto. Não é, também, um mero exercício de recordação, visto que nela se encontram presentes tanto as profundas contradições entre o meio rural e o urbano, a força do mítico e do misticismo, as distorções da injusta organização social nas cidades, em que a técnica precede a compreensão de seu uso ou até de sua necessidade. E no gesto solidário - resquício de um passado de convivência comunitária e aberta -, nos conflitos de poder arrastando a subserviência, nas perdas cotidianas e nas vitais, tudo repete, simbolicamente, os intrincados caminhos da convivência humana.

Por detrás de tudo isso, como cenário ou pano de fundo, brotam cantigas e comportamentos retirados da tradição e tão arraigados que dispensam o julgamento da moral e da ética. Maldade, preconceito e bondade convivem confundindo malícia e ingenuidade, numa tensão dialética própria do viver humano, mais preocupado com a vida do que com as considerações informativas ou científicas. E em suas cenas descosturadas, mal alinhavadas por uma linha frouxa que lhes permite vida plena de fragmento, a estrutura procura seguir o movimento da memória. Vai catando, nas prateleiras desorganizadas ordenadamente de um armazém anterior à compartimentação dos supermercados, seus produtos simbólicos. E se recusa a lhes dar a organização cartesiana já desmistificada pela lógica do sonho. Prefere exercitar o arranjo simples de uma trama-pretexto. Segue-a fielmente, mas sem pressa, deixando que a lembrança pare e olhe a paisagem, reconhecendo o caminho já percorrido, tendo a coragem de morrer de medo, ou deixar correrem as lágrimas ingênuas da emoção ante o lobisomem que vive no escuro ancestral, ou que o cheiro de incenso - às vezes nunca experimentado - faça renascer o lubrificante saudável e ardente de uma fé infantil, posta de lado pela estúpida lucidez adulta.

"Girança" é o giro da criança, é conversa jogada fora, é caso

contado nas tardes preguiçosas de café prolongado em volta de uma mesa, quando a família ainda podia conversar sem que a "Sessão da Tarde" falasse em seu lugar, ou que as aulas de natação, jud , balé, ou língua estrangeira invadissem o mundo infantil, amadurecendo-o   força.   papo de cadeira na calçada, cada um construindo sua "novela", sem medo do assaltante que pode sair de tr s da árvore e quando a porta ainda pode ficar aberta, enquanto se busca água ou pão para o pobre que pede auxílio. Naquele tempo em que o pão, o café, a água ainda alimentavam, a fome dos que precisavam pedir, sem estabelecer quotas em reais para o ato solidário e a doa o não era espalhada no chão poucos metros adiante.   conversa de noite de cama, enquanto na rua, o guarda-civil usava o apito no lugar do revólver ou do cassetete.  , enfim, aquele papo furado em cujo fundo está o grito de alerta e de apelo para a recupera o da confiança no outro.

"Girança"   a experiência de um teatro que permite aos atores representarem suas lembranças e ao público lembrar de experiências perdidas, mas que povoavam o tempo das delicadezas nos longos casos relembrados em almoços caseiros de domingo, ou em festas de aniversário de av s. Um teatro que permite à vida social treinar a oportunidade de mudança, sem que o erro, a queda das máscaras de atitudes "politicamente corretas" representem a falência do órgão (não a fria organiza o) social.

"Girança"  , enfim, uma peça mineira: sem pressa como o carro de boi e com a sabedoria da escalada de ladeira em ziguezague, e que se permite parar para tomar fôlego, e olhar pra trás pra espiar o caminho ou apreciar a vista do alto do morro. É uma peça brasileira, porque ainda engatinha e já topa com escadas rolantes e os reluzentes n ons ainda convivem com lamparinas. Associa a panela de pedra ao microondas e dança rock com passos de forró. Tem em si a complexidade de todas as coisas simples e não sente vergonha de revestir de pieguismo os complexos impulsos da psique. É um "giro" pela vida, um documento sem museu, um álbum de retratos familiar e público que se folheia por folhear, e que transforma o gesto de passar a página em força de resistência capaz de conciliar a imagem do retrato amarelecido com a projec o eletr nica e descartável que o substitui, dando espaço a ambos. É, na realidade, matéria de memória e retorta de futuro.

uma girança de coragem

Ismair Zaghetto
(Tribuna de Minas, 22/11/85)

Confessa José Luiz Ribeiro, no histórico que faz sobre a cria o da peça, que é pouco corajoso, quando se trata de colocar no palco textos de sua cria o. Uma pena. Os escritos de sua lavra são da melhor qualidade literária, justamente porque enriquecidos de um forte conteúdo humano. Antes de conhecer o homem de teatro ou mesmo o professor de Comunica o, eu conheci o Zelu, jornalista, o poeta, editando o antigo Suplemento Literário do "Diário Mercantil". Sensibilidade que lhe aflora em cada palavra, seus poemas contam a vida e, mesmo quando parecem descompromissados - como em "Girança" - estão sempre carregados de expressiva dose de nossa realidade social, onde as farpas de denuncia soltam-se em cada movimento. Homem do ramo, que plasmou-se incorporando as esperanças e angustias da existência, é um hábil contador de aventura humana. Seus trabalhos sobre o papel se contam em generosas porões - dezenas, centenas, milhares - mas poucos foram, infelizmente, levados ao palco - boa parte na área do teatro infantil - onde é um mestre consumado também. E quem não se lembra do evidente sucesso de "Guairaká", "Dona Baratinha" e "Girassinho", exemplos bem acabados desse mundo mágico? No teatro dito adulto - um termo injusto, para a generalidade e universalidade de um palco - eu só conheço, de sua autoria, dois textos: "Mas que papel seu bacharel" e, agora, "Girança". Mas ele tem outros, que não conheço.

Mas vamos ao "Girança", que assisti no último fim-de-semana. Se lamento quando digo que o Zelu encena poucos textos seus por falta de coragem, como ele mesmo diz, posso assegurar que isso se deve muito mais   sua modéstia do que ausência de ousadia. Anotem: É preciso um sólido arcabouço de coragem e competência para encenar esse texto. E sabem por qu ? Pela sua aparente omissão da complexidade de nossa realidade social. Escrito e montado para um elenco jovem, pode parecer, ao observador menos atento ou apressado, que fez somente um exercício de

relembração.

É claro que exercitamos a memória durante todo o espetáculo - sobretudo quem viveu sua infância nos anos 40 e 50 e se lembra do padre estrangeiro, dos santinhos, do guarda civil, do mês de Maria, da coroação, da masturbação no fundo do quintal e das peladas com bola de meia ou dos bonecos de papelão - mas o Zelu nos mostra muito mais do que isso. Pintando em rápidos "flashes" a saga de uma família que deixa o campo e vem para a "cidade grande", no caso de Juiz de Fora, nos traça um perfil bem sucedido de uma região que abandonou a monocultura do café e começou a montar sua tradição industrial (que depois perderia esse ímpeto para buscar os caminhos terciários da economia, embasados na prestação de serviços).

Uma tradição montada com o migrante e todos os seus problemas de adaptação neste novo mundo, onde lhe parecia fácil o emprego, a instrução, a saúde e o fascínio (ou desilusão pela perda de boa porção de liberdade?) sobre as crianças. É justamente nessa montagem - da transição - que sentimos a força do poeta e o profundo conhecimento do diretor de teatro. Não é tão simples assim como se pode imaginar essa mudança. Ela traz consigo imensa gama de conflitos pessoais, muito bem explorados no texto.

Mais importante ainda: o Zelu exhibe tudo de modo passageiro. Pode parecer conflitante essa colocação, ou seja, que a mudança é difícil, mas a sua face externa é simples. Volto a insistir. Aí está a relevância do trabalho, que, se não tem nenhuma preocupação de conscientizar política ou socialmente, não deixa de manter descoberto o emaranhado de problemas individuais e coletivos.

Os mais modestos manuais de sociologia ensinam que há sempre um infinito entre duas situações. Cada pessoa, um universo, com todas as suas angústias, alegrias, desilusões e esperanças. Não apenas o bem e o mal, mas todo um processo humano, imensurável a nível de comportamento. Dos cafezais queimados e dos passarinhos na roça à condição de proletário urbano, desenvolve-se um longo e difícil aprendizado que o texto exteriorizou de forma agradável, irônica e, não raro, com muito humor. Valeu, Zelu. Jogue mais textos seus no palco. Deixe que conheçamos ainda melhor o artesão de palavras, além do ator e diretor, cuja competência a cidade admira e aplaude.

amor à primeira vista

Júlio Andrade

Quem, quando jovem, nunca se viu contagiado de emoções, por ter se deparado com algo que lhe proporcionasse reações até então desconhecidas?

Quando se aprende a sentir, aprende-se a viver. Saudade dos tempos em que a responsabilidade pesava menos que as inconveniências. Talvez porque no preço a ser pago não se embutissem juros e impostos.

Não se trocavam números de celulares, ganhavam-se figurinhas no bafo. A dor do tombo da bicicleta era maior do que todas as dores de todas as pessoas.

A namorada era a coisa mais linda do mundo, mesmo não nos conhecendo. Mais até do que roupa nova na vitrine do shopping. Da escola levei coisas boas. Talvez a melhor foi ganhar um convite para assistir a uma peça de teatro, em 1986. Estava sendo colocada em prática a relação sentir/viver. O sonho começou.

"Girança" era anunciada naquele pedaço de papel branco escrito Grupo Divulgação logo acima. Comédia, drama ou tragédia? Rir ou chorar? Não entendi o anunciado. As luzes se apagaram e o espetáculo começou. Foi amor à primeira vista.

Quatorze anos de emoções se passaram, na vida e no palco. Aquele nome acima do bilhete sorteado já faz parte da minha vida integralmente. Mesmo que eu só faça parte da história mais recente do grupo, que está completando trinta e quatro anos de trabalho.

Recordo-me também dos inúmeros espetáculos do Divulgação a que assisti. Fiz parte do grupo como admirador, o que já me liga à sua história antes mesmo de minha entrada.

Participar do desafio de encenar "Girança" é, sobretudo, reencontrar aquela emoção com que deparei na adolescência. Um amor à primeira vista, o qual estou tendo prazer de anos depois rever. E não só isso, hoje faço parte da história que me encantou e encanta a todos. Uma viagem através dos tempos, um exercício da memória, um reencontro com a emoção.

"Girança", que prazer! Estamos juntos de novo.

GIRANDO PELAS ÁGUAS DE MINAS

Por Marisa Timponi Pereira Rodrigues
Prof^a de Literatura Brasileira

Pela memória é possível recuperar-se energias perdidas. Mesmo que o resgate seja em espaço e tempo diversos, devido à inexorabilidade de Cronos. Ainda, pela memória consegue-se “suprir lacunas da vida real” (Murilo Mendes), ausências, ananques nascidas de difíceis lutas, da faina diária, lembrados no hoje como “Bons tempos aqueles, heim!?!...”.

O agora é o tempo de água asséptica, encanada, em invólucros descartáveis.

O antes era o tempo feliz em que se comprazia de se usar a mão como concha, receptando a água de bica: mina de alegria, espaço do prazer.

Tradições, superstições de infância, da época de “caminhada descalça / solas de pé lanhadas”, de “gosto de pomar, / de fruta verde, pitanga / e carambola de saia / bem rodada de amarelo!”, das conservações folclóricas que garantiam a tranquilidade, mesmo se gerada do medo de lobisomem vencido por reza forte dos milavós.

A infância, a que é atualizada no texto da peça “Girança”, de José Luiz Ribeiro, tem gosto e aparência de “cocada puxa preta” e cheiro de “broa de milho”; é a certeza de um passado único, revivido nos casos inocentes de bois, galinhas e cachorros, participantes dos ritos vestibulares de Eros, compartilhados de corações da Nossa Senhora, Mãe de Jesus, nos atribulados festejos das iniciações.

O texto atualiza um espaço/tempo de mudanças, de acrescentamentos de vida, marcado pelas “tábuas das leis mineiras de família” (Drummond), em que pai e mãe são baluartes, fonte de amor e interdições, definidores da fé, dos desejos futuros, figuras

concêntricas, decisivas na formação e no aprendizado da gente simples dos roçados:

Meu pai era feito de terra
Generoso e abundante
A gente sentia suas mãos
Marcadas pela enxada
Era um gigante, preso
Na nossa memória

Minha mãe era de água
Buliçosa e corrente
Sempre conforto
Mudando com as estações
Oscilando como o vento
Entre o agrado e a palmada

A gente olhava o mundo
De baixo pra cima
Tudo era grande

Pequenas só mesmas as avarezas, grandes os corações, as amizades, os serões noturnos em dias de chuvas com queimação de ramo bento para minorar a força arrasadora da natureza que tudo dominava, inclusive a nós todos do interior.

“Girança” é assim: desperta a meninice da gente, emociona a cada passagem que vem pouco a pouco recontando as histórias ricas-pobres das pequenas concentrações de moradores das Minas Gerais, o deslocamento para as cidades maiores, a luta por empregos, com a educação dos filhos e a difícil arte de sair da periferia para o centro:

Era uma sensação de desamparo

Aprendi a chorar, em segredo
A noite era cheia de ruídos.
E a sensação de ser impotente.
Nunca a pobreza doeu tanto.
Era o aprendizado do espaço.
Era a divisão do mundo.
Na roça existia a natureza
Na cidade existia o patrão.
E minha prima me ensinou
Que dinheiro divide as pessoas.

A divisão: aprendizado duro quando a maior parte continua com quem mais tem. Conhecimento dos limites, reconhecimento das impotencialidades, convívios de perdas e ganhos.

A vida era uma sucessão
De idas e vindas.
Chegadas e partidas
Rostos que se perdiam
Nomes que ficavam na memória.

Memória que se constitui na raiz, bem do homem, possibilidade de resgate, no presente, do passado, aberto para o futuro, enfrentamento/complemento ao tempo disjuntivo da modernidade; recuperação de um tempo/espaço mítico sempre revigorado.

Juiz de Fora, maio de 2000.

A fala do espectador

"Reminiscências e lembranças da infância, encontro com o passado; excelente."
Hélio Castro Cunha Filho, 53, advogado

"Impossível alguém não se sentir tocado pelos diversos sentimentos que ela transmite; sensível."
Daniel Leite Andrade, 24, universitário

"Contém um roteiro bastante realista e atores brilhantes."
Carolina Furtado Campos, 14, estudante

"Recordações da infância; emocionante."
Rafael Cestaro, 50, biblioteconomista

"É a nossa história e de muitas outras famílias."
Celuta Dias Casali, 84, professora aposentada.

"A peça é muito bem feita; revela realmente o que observamos daqueles que levam a vida com dificuldade; somos todos nós."
Talita Gonçalves de Moura, 21, professora

"É uma relação cidade-campo, mostrando as características da vida, em particular a infância pura, sem maldade."
José Wagner Ambrósio, 51, professor

"Retrata alguma parte perdida da infância; fala um pouco da vida de cada um. Ótima!!!"
Angelane Serrate Fernandes, 36, professora

"Tempos que não voltam mais....., da inocência, do espaço, da ignorância...Que pena!!! Valeu!!!"
Sônia Pestana, 47, do lar

"Excelente peça teatral que cativa o público em todos os momentos contando a realidade da "girança" da vida entre família."
Julimar Cezario, 41, funcionário público.

"Maravilhosa; percebemos a realidade de uma forma direta, objetiva e tocante."
Katie Martins, 32, professora

"É uma crítica ao senso comum e à dificuldade do êxodo rural."
Linus Pauling Ferreira Pereira, 22, professor

"Retrata a vida do interior com muita graça, realidade e todos representaram maravilhosamente bem!!!"
Jeaneyd Alonso da Motta, 30, cantora

"Um misto de alegria, tristeza, esperança e amor. Me deu saudade da infância."
Maria Guilhermina Vieira, 43, socióloga

"É uma peça extremamente sensível, que passa de uma forma muito forte aquilo que acontece na sociedade. Parabéns!!!"
Aline Furtado Henriques, 21, estudante

"A peça é como um sonho que nos faz voltar ao tempo e nos deixa florir de novo."
Arlete Genervam, 32, professora

"Quase chorei. Em muitos momentos lembrei-me da minha infância."
Rodrigo Canabrava Coimbra, 28, funcionário público federal

"Muito boa, muita criatividade. É um convite a relembrar momentos de nossa infância."
Leonardo Monzo, 21, estudante

"Trabalha a lembrança e o mundo infantil com criatividade, segurança e uma pitada de crítica social. Excelente!!!"
Renata Inácia Pereira, 28, professora

"Amo profundamente a peça. Assisti da primeira vez e fiquei muito emocionado. Parabéns Zé Luiz e equipe."
Carlos Augusto Abranches, 36, jornalista

"A peça apresenta fielmente a saga dos primeiros colonos a viver na cidade de JF"
Valdemar Schmitt, 55, professor

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS GRUPO DIVULGAÇÃO apresenta

GIRANÇA

Memória

Pai
Mãe
Marcolina
Maizé
João
Tião
Mercês
Cecília
Serafina
Terezinha
Sirley
Neco
Lindaure e Lia
Euzébia
Clotilde
Isabel
D. Lica
Toninho
Estáquio
Padre
Waldete
Nossa Senhora
Cartaz
Figurino
Sonotécnico
Iluminação
Apoio Administrativo
Cenário e Direção

Hérika Rodrigues
Josianne Matozinho
Júlio Andrade
Marise Mendes
Bárbara Bastos
Márcia Falabella
Marcos Araújo
Leandro Boscato
Danúbia Figueira
Aline Louise
Sônia Maria
Fátima Amorim
Rinara Souza
Paulo Moraes
Kátia Nascimento
Hérika Rodrigues
Márcia Falabella
Cristina Braga
Fátima Amorim
Rónisson Reis
Tiago Vieira
Júlio Andrade
Bárbara Bastos
Josianne Matozinho
Augusto França
Malu Ribeiro
Frederico Monteiro
José Luiz Ribeiro
Virgínia Fonseca
José Luiz Ribeiro

Apoio: Aline Henriques, Bianca Costa, Carmen Knep, Darlene Carvalho, Débora Curcio, Emilian Ganem, Franciane Lúcia, Guilherme Lignani, Jaqueline Glauber, Jasna Vidkovic, Léa Lignani, Maristela Valverde, Neuseli Luttke, Paulo Roberto Figueiras, Raquel Rocha e Tassiana Teixeira.

GRUPO DIVULGAÇÃO ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
O homem do século XX
Antologia da mulher
Amor em verso e canção II
Nosso amor em verso e canção
Poemas operários
Poemineiros
Versos e Cantigas

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina	João Cabral de Mello Neto
Coral Universitário	José Luiz Ribeiro (texto)
Belmiro, Murilo e Pedro Nava	José Luiz Ribeiro (colagem)
Camões	José Luiz Ribeiro (seleção)
A menina casadoira	Eugène Ionesco
Pic-nic no front	Arrabal
Sganarello	Molière
Lição de Molière	José Luiz Ribeiro
Farsa do Mestre Pathélin	Anônimo medieval
Manuel Bandeira, do Brasil	Malu Ribeiro (org.)
Molière	José Luiz Ribeiro
A incelença	Luiz Marinho
Oh! A mulher!	José Luiz Ribeiro
Os divertimentos do rei	José Eduardo Vendramini
Sertaneja	José Luiz Ribeiro
A Gata Borralheira	Maria Clara Machado
Sassaricando	José Luiz Ribeiro
A posada do Marreco Verde	José Luiz Ribeiro
Canto por Federico	M. Lúcia e José Luiz Ribeiro
Viva o Zé Pereira	José Luiz Ribeiro

TEATRO INFANTIL

A onça de asas
O circo de bonecos
História de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante
Girassinho
Putz, a menina que buscava o sol
A noite dos duendes
Bem do seu tamanho
Sonho Pirata
Passa, passa, assombração
D. Chicote Mula-Manca
O rouxinol do pescador
O caju encantado
Estórias pra boi dormir
O carteiro do rei
O dragão verde
O mistério das nove luas
A chapeleira da Rua Azul
O patinho feio
Guairaká (II)
A guerra dos legumes

Walmir Ayala
Oscar von Pfuhl
Ilo Krugli
Gabriela Rabelo
José Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
José Luiz Ribeiro
Sylvia Orthoff
Zuleika Mello
José Luiz Ribeiro
Maria Helena Kühner
José Luiz Ribeiro
Ana Maria Machado
Liliana Neves
José Luiz Ribeiro
Oscar von Pfuhl
José Luiz Ribeiro
Paula Schmidt
José Luiz Ribeiro
Tagore/J. Luiz Ribeiro
Maria Clara Machado
Ilo Krugli et alii
José Luiz Ribeiro
Ronaldo Boschi
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião
O urso
Bodas de sangue
Electra
Diário de um louco
Pequenos burgueses
A visita da velha senhora
Escola de mulheres
Escurial
Romanceiro da Inconfidência
Maria Stuart
A morta
O patinho torto
Yerma
Seis personagens em busca de um autor
As criadas
Arlequim servidor de dois amos
Calígula
Guerra mais ou menos santa
Pedreira das almas
Só o faraó tem alma
O beijo no asfalto
Mas que papel, seu bacharel!
O estado de sítio
Boca do inferno
A mandrágora
O rei da vela

Nerthan Macedo
Anton Tchekhov
Garcia Lorca
Sófocles
Nicolai Gogol
Máximo Gorki
Dürrenmatt
Molière
Ghelderode
Cecília Meireles
Schiller
Oswald de Andrade
Coelho Netto
Garcia Lorca
Pirandello
Jean Genet
Carlo Goldoni
Albert Camus
Mário Brasini
Jorge Andrade
Silveira Sampaio
Nelson Rodrigues
José Luiz Ribeiro
Albert Camus
Marcus Vinícius
Maquiavel
Oswald de Andrade

Como se fazia um deputado
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória
O jardim das cerejeiras
Esta noite se improvisa
O inspetor geral
Fausto
Girança
A casa de Bernarda Alba
Grito mudo
As aventuras do tio Patinhas
A aurora da minha vida
Canga
O mercador de Veneza
Era sempre primeiro de abril
O santo milagroso
Rasto atrás
Todomundo
Édipo-Rei
O burguês fidalgo
Vereda da salvação
Il teatro comico
Como se come um homem
A torre em concurso
O homem e o cavalo
A escada de Jacó
Cervantina
O Devoto
O Príncipe Rufião
Viva a Nau Catarineta
Os ossos do barão
Girança II

França Júnior
Dias Gomes e F. Gullar
Anton Tchekhov
Pirandello
Nicolai Gogol
Goethe
José Luiz Ribeiro
Garcia Lorca
José Luiz Ribeiro
Augusto Boal
Naum Alves de Souza
José Luiz Ribeiro
William Shakespeare
José Luiz Ribeiro
Lauro César Muniz
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro
Sófocles
Molière
Jorge Andrade
Carlo Goldoni
S. Mrozek
J. Manuel de Macedo
Oswald de Andrade
José Luiz Ribeiro
Miguel de Cervantes
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Altimar Pimentel
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro

AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:

Profa. Maria Margarida Martins Salomão

Funcionários do Forum da Cultura;

Aos que, durante esses 34 anos perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência;

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”

Federico Garcia Lorca